



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## UMA ABORDAGEM REFLEXIVA SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA

Kalem Kanyk Fernandes Gomes<sup>1</sup>, Laiza Pereira de Assis<sup>2</sup>, Sinthya Fernanda Diniz Araújo<sup>3</sup>,  
Soraia Carneiro de Oliveira<sup>4</sup>, Mauriene Silva de Freitas.

(Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), kallekannyk\_@hotmail.com)

**Resumo:** Há muito tempo o ensino de gramática restringe-se à prática de exercícios pautados em regras e conceitos. Esta afirmação pode ser comprovada quando se analisa o caráter prescritivo que ainda é muito presente nas aulas de Língua Portuguesa. Desse modo, surgiram algumas reflexões a respeito de como ensinar gramática de uma forma eficiente que supere o repasse de normas da língua. Assim, este artigo busca refletir sobre questões relacionadas ao ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, visando atribuir trabalho com textos uma nova alternativa de ensino e aprendizagem. Diante dessa perspectiva, é possível fazer uma análise reflexiva sobre o ensino de gramática nos moldes da atualidade. Apresente pesquisa consolida-se como bibliográfica, por fazer uso de bases teóricas dos autores Bastos (2012), Geraldi (1984.1991), Prestes (1996), dentre outros que se dedicam em refletir sobre o ensino de língua nas escolas. Como resultado, este estudo buscará expor de forma objetiva a importância de continuar havendo reformulações no ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa. Observou-se que trabalhar a gramática mais contextualizada pode ser uma forma bastante eficaz no processo de ensino/aprendizagem, pois o trabalho com a leitura pode provocar no aluno o prazer em aprender e compreender sua língua materna, assim, o sujeito terá mais facilidade de agir e interagir em variadas situações comunicativas. Nesse sentido, através da análise de várias concepções gramaticais, busca-se refletir sobre uma proposta de ensino que vise formar sujeitos competentes comunicativamente nas diversas situações de interação.

**Palavras-chaves:** Reflexão, Ensino, Gramática, Língua Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 80, estudos linguísticos destacaram importantes discursões sobre o ensino de gramática e algumas reflexões sobre o trabalho realizado em sala de aula, no que se refere ao ensino-aprendizagem da língua.

No entanto, com a formulação de diversas reflexões, cuja proposta principal destituía o *status* da centralidade do ensino de gramática. Novos métodos de ensino se expandiram,



privilegiando assim, práticas pedagógicas que viabilizavam o trabalho com o texto (na modalidade oral ou escrita) como o foco principal da aula de português. Desse modo, o professor fica frente a um questionamento: De que forma ensinar a gramática? Já que, o trabalho com frases isoladas não está suprindo as necessidades de aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa precisaram ser modificadas quanto as metodologias utilizadas no ensino de gramática, pois para atingir algumas metas de aprendizagem o ensino de nomes e regras não são mais eficazes, e sim fazer com que o aluno se relacione com textos que circulam em seu contexto, assim, os mesmos poderão desenvolver suas próprias produções textuais de forma coerente e coesa.

Com isso, o ensino de Língua Portuguesa passou a priorizar a leitura e a produção textual para que sirvam como fatores primordiais na absorção de conhecimento, considerando tanto uma quanto a outra sejam, sim, instrumentos próprios de ensino.

Portanto, é de fundamental importância que o professor faça uma junção do texto com o ensino de regras, pois como pondera Geraldi (1996), o conhecimento gramatical é, pois, um conhecimento necessário para aquele que se dedica ao seu ensino, para que se possa exercer dignamente seu ofício de construir situações adequadas, ou seja, nem mesmo para aqueles que utilizam do texto como instrumento central, o uso das regras gramaticais não deve ser banido das aulas. Em virtude do que fora exposto, este artigo, pretende fazer uma reflexão sobre o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, nos moldes atuais do século XXI.

O contexto educacional em que estamos inseridos atualmente nos impulsiona a vivenciar diversas situações de usos da língua para os quais muitas das vezes não estamos preparados. Ultimamente nas salas de aulas, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, surgem alguns questionamentos em relação a forma em que os alunos estão sendo preparados para agir socialmente e saber se posicionar em diversas situações interacionistas pelas quais estão expostos diariamente.



Se pararmos para refletir sobre o papel da escola em relação ao ensino da língua, chegaremos a mesma conclusão sempre: ensinar o aluno ler e escrever de maneira correta. É comum afirmar que a gramática é um campo de estudo que permite a escola exercer esse papel, ou seja, ensina-se gramática com o objetivo de assegurar ao alunado o domínio da língua escrita.

As reflexões e investigações sobre a eficácia do ensino de gramática cresceram bastante nos últimos anos; contudo, o ensino centrado em atividades de transmissão de regras e conceitos gramaticais não-contextualizados tem sido alvos de diversas discussões e questionamentos sobre sua eficácia.

Assim, pode-se afirmar que:

Esse ensino de gramática, contudo, não deve permanecer na base da regra pela regra, explicada e exercitada com palavras e frases soltas. Não adianta também utilizar textos apenas como pretextos, ou seja, apenas retirando-se deles palavras ou frases e continuando-se com um ensino meramente normativo e classificatório. É preciso atentar para que esse ensino mais sistematizado da gramática seja visto em uso e para o uso, constatando-se sua funcionalidade e procurando-se inseri-lo em situações reais ou que se aproximem o máximo possível dessa realidade (PRESTES, 1996).

Ao destacar o ensino da gramática como transmissão de regras e conceitos, a escola, segundo Leite (1999, p.24) “lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar”, omitindo-se de importar ao ensino de gramática a tarefa de se tornar importante aliado no procedimento de reflexão sobre a língua utilizada pelos falantes, e de estar contribuindo para a produção oral e escrita e do desenvolvimento das competências linguísticas e discursivas desejadas para a formação do usuário, como cita Bastos, Lima e Santos (2012, p.119).

Deste modo, trabalhar a gramática como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa tem sido um assunto polêmico nos últimos anos, principalmente quando se trata de formar leitores competentes que sejam capazes de elaborar seus próprios textos, sejam eles orais ou escritos.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Perini (2010) assinala a gramática como uma disciplina científica, onde seu estudo permite descrever, analisar e explicar os fenômenos reais da língua. Levando em consideração que enquanto a ciência é tratada de maneira adequada, a mesma pode contribuir com a alfabetização científica do indivíduo. Assim, não basta ter conhecimento somente da ciência; é preciso trabalhar a mesma utilizando-a como campo de investigação, de produção de conhecimentos linguísticos que possam contribuir com o desenvolvimento do pensamento individual.

Por isso, é necessário que os objetivos do estudo da gramática passem por reformulações, assim, torna-se possível oferecer atividades aos alunos que os levem a construir hipóteses, defendendo a idéia de que estudar a gramática é estudar os fatos da língua e não algo acabado, pronto para ser assimilado (PERINI, 2010, p.39-40).

Fazendo uso dessa mesma perspectiva, no ano de 1984, em “*O texto em sala de aula*”, Geraldi propôs um ensino de Língua Portuguesa embasado em três pilares: leitura, produção de texto e análise linguística. Sua proposta tinha como objetivo desenvolver no sujeito competências de leitura, escrita e instigar o mesmo a desenvolver seu campo de reflexão sobre a língua em funcionamento em textos e discursos (GERALDI, 1984). Essa proposta teria como fundamento a capacidade do ser humano em refletir, analisar e pensar sobre os fatos da língua. Portanto, tendo como base esta proposta, torna-se necessário realizar em sala de aula atividades de epilinguagem, compreendo esta como “o exercício da reflexão sobre o texto lido/escrito e da operação sobre ele a fim de explorá-lo em suas diferentes possibilidades de realização” (MILLER). E também atividades de metalinguagem que é “a capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo” (MILLER). Trabalhando desta forma o aluno perceberá como as regras gramaticais estão presentes na construção de um texto seja ele oral ou escrito.

Ainda sobre como ensinar a gramática, Neves esclarece que:

Ensinar eficientemente a língua e, portanto, a gramática é, acima de tudo, propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso linguístico, para chegar aos resultados de sentido. Afinal, as



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“... pessoas falam exercem a linguagem, usam a língua para produzir sentidos, e, desse modo, estudar gramática é, exatamente, pôr sob exame o exercício da linguagem, o uso da língua, afinal, a fala (NEVES,2000, p.52).

Com base na afirmação da autora, a escola não pode criar no aluno a falsa ideia de que escrita e fala não tem nada a ver com gramática, já que, os próprios alunos podem elaborar textos que contenham questões relativas ao ensino de gramática, e assim poder adquirir o conhecimento necessário.

Assim, é possível superar toda e qualquer lógica que apresente uma concepção estrutural da gramática pronta e acabada, como cita Lima, Marcuschi e Teixeira, (2012, p.45) “refletir sobre como os interlocutores se servem dos esquemas linguísticos que dominam para desempenhar papéis sociais durante a interlocução, revelando intenções comunicativas e atuando como interlocutor” e também sobre algumas alternativas que estão à disposição para que prossigam de modo que suas intenções comunicativas se desenvolvam em escolhas linguísticas adequadas, criativas e eficientes.

Com isso, um ensino de gramática pertinente para a vida e que possa ter influência na vida do aluno, será sem sombra de dúvidas o que não seja pautado somente ao ensino de normas e conceitos, mas, um ensino que possibilite ao aluno desenvolver sua competência comunicativa, isto é, a capacidade de o falante usar diversos recursos da língua em inúmeras situações sócio comunicativas que porventura surgir. Deste modo, esse ensino de gramática será visto como o próprio estudo e trabalho com a variedade de recursos linguísticos que o produtor e receptor de textos têm a sua disposição para construir sentidos. Portanto, a gramática deve ser vista como o estudo das condições linguísticas da construção de sentidos.

### **METODOLOGIA**

Dividimos este artigo em dois tópicos, os quais referem-se ao ensino de gramática nas escolas e como este mesmo ensino deve ser desenvolvido em sala de aula.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Tendo como base uma pesquisa bibliográfica, na qual foi possível refletir sobre a maneira que o estudo da língua está sendo desenvolvido e como deve ser trabalhado nas escolas, tivemos como base teórica os conceitos de autores que abordam esta temática, entre eles GERALDI (19984), NEVES (2000) e PRESTES (1996), dentre outros autores que citam alguns pressupostos de como deve ser desenvolvido o ensino eficaz de Língua Portuguesa, mais precisamente, a gramática.

### **RESULTADO E DISCURSSÃO**

Ao término de nosso estudo, foi possível refletir sobre alguns aspectos que norteiam o ensino de Língua Portuguesa nos dias atuais, é inegável que o ensino de gramática ainda é em sua maioria pautado no ensino de normas, sem contextualização. Ficou perceptível também, a necessidade de ensinar e estudar a Língua Portuguesa por outra vertente, e a utilização de textos parece ser uma saída para que o ensino de gramática não continue provocando nos alunos a ideia de monotonia.

Nesse sentido, as aulas poderiam ter como referência a leitura e produção de textos (orais ou escritos), onde o aluno sentisse o prazer em estudar sua língua materna e assim, compreender a gramática da melhor maneira possível. Deste modo, a escola deve exercer o papel de incentivar o aluno a refletir sobre as questões linguísticas, impulsionando-os a desenvolverem sua competência sócio comunicativa.

Sem dúvidas, o ensino da gramática normativa exerce papel importantíssimo quanto a ordenar as palavras de maneira correta, porém, a partir do momento que esse ensino é internalizado pelo o aluno como o suficiente para dominar a língua, deficiências em seu dialeto começam a surgir, já que para alguns autores escrita e oralidade devem andar em conjunto. Assim, levando em consideração que o ensino de gramática continua pautado em um método descritivo, torna-se necessário o trabalho com a leitura e interpretação de textos que despertem nos alunos o desejo de discutir em sala e assim aprimorar seu ato dialético,



desta forma, o ensino da língua estaria apresentando dados mais qualitativos em relação ensino/aprendizagem.

Entretanto, com base em nosso estudo, foi possível observar que o ensino da gramática nas aulas de Língua Portuguesa deve continuar passando por reformulações, deve-se apresentar ao aluno uma nova forma de se estudar a língua, e que segundo Geraldí (1991), “o texto é ponto de partida e ponto de chegada de todo processo de ensino/aprendizagem”. Assim, se levarmos em consideração que a língua não restringe-se ao estudo de regras, mas no fluxo da linguagem que constitui os sujeitos, percebemos que trabalhar a gramática mais contextualizada parece ser uma forma bastante eficaz no processo de formar cidadãos aptos para interagir em qualquer situação comunicativa.

## **CONCLUSÕES**

Este artigo procurou apresentar uma reflexão sobre o ensino de gramática nas escolas, tendo como base alguns conceitos de teóricos que propõem uma análise linguística, marcada pela presença de uma abordagem da gramática normativa no ensino de língua. Uma alternativa de mudança desse ensino pôde se elaborar, pois a utilização de textos no ensino da gramática pode influenciar uma mudança na forma que os alunos veem o estudo da mesma.

A escola, juntamente com o professor pode exercer papel mediador no processo de ajudar o aluno a compreender melhor o conteúdo proposto, sendo que ambos podem optar trabalhar métodos mais eficazes de ensino.

Segundo propostas de alguns pesquisadores, trabalhar a gramática mais contextualizada pode recuperar a presença do aluno e do professor como sujeitos ativos, que interagem e colocam a língua em funcionamento nas diversas situações comunicativas. Mediante isso, é possível citar que aqueles que trabalham a gramática nos moldes tradicionais desempenham papel de maus protagonistas junto com seus alunos, pois transformam a disciplina de Língua Portuguesa como algo chato e sem utilidade. A língua está em constante renovação, então, o seu ensino deve seguir a mesma linhagem.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Com isso, concluímos que o ensino de Língua Portuguesa deve objetivar formar cidadãos competentes comunicativamente. Estes devem estar preparados para agir e interagir em mundo que está em constante mutação. É inegável que a linguagem transforma nosso mundo, e, ao mesmo tempo, estabelece uma forma de interação comunicativa entre os sujeitos. Assim, a escola em parceria com o professor deve proporcionar ao aluno esta competência, fazendo com que a sociedade se desenvolva de maneira mais igualitária, crescendo em sabedoria e discernimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Danielle da M.; LIMA, Hérica K. C.; SANTOS, Sulanita B.; **Ensino de classes de palavras: entre a estrutura, o discurso e o texto.** SILVA, Alexsandro, PESSOA, Ana Claudia, LIMA, Ana (organizadores). In: **Ensino de Gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 113-131.

GERALDI, J. W. **Unidades básicas do ensino de português.** In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: Leitura e produção.** Cascavel: Assoeste, 1984c p. 49-69.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo-SP: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Ana, MARCUSCHI, Beth, TEIXEIRA, Cristina. **Ensino de gramática e trabalho com textos: atividades compatíveis.** SILVA, Alexsandro, PESSOA, Ana Claudia, LIMA, Ana (organizadores). In: **Ensino de Gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 29-46.

MILLER, Stela. **O trabalho epilinguístico na produção textual escrita.** UNESP. GT nº 10 Alfabetização, Leitura e escrita.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: conhecimento e ensino.** In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 52-73.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Ensino de português como elemento consciente de interação social**: uma proposta de atividade com texto. Ciências & Letras. Porto Alegre: FAPA, n. 17, p.189-198, 1996.